

Nº 14
ANO 02
Agosto
2000



Galante

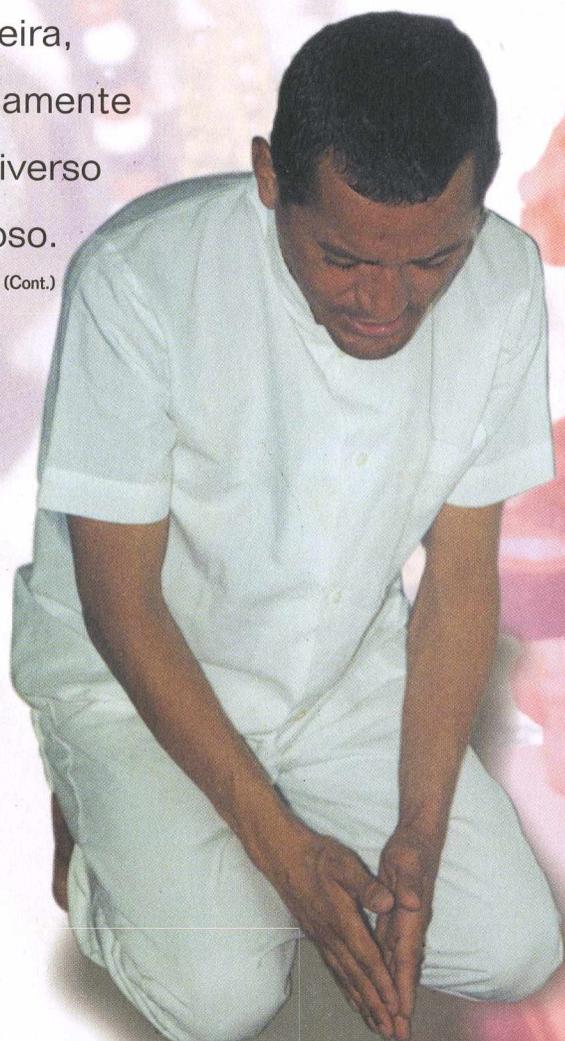
Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



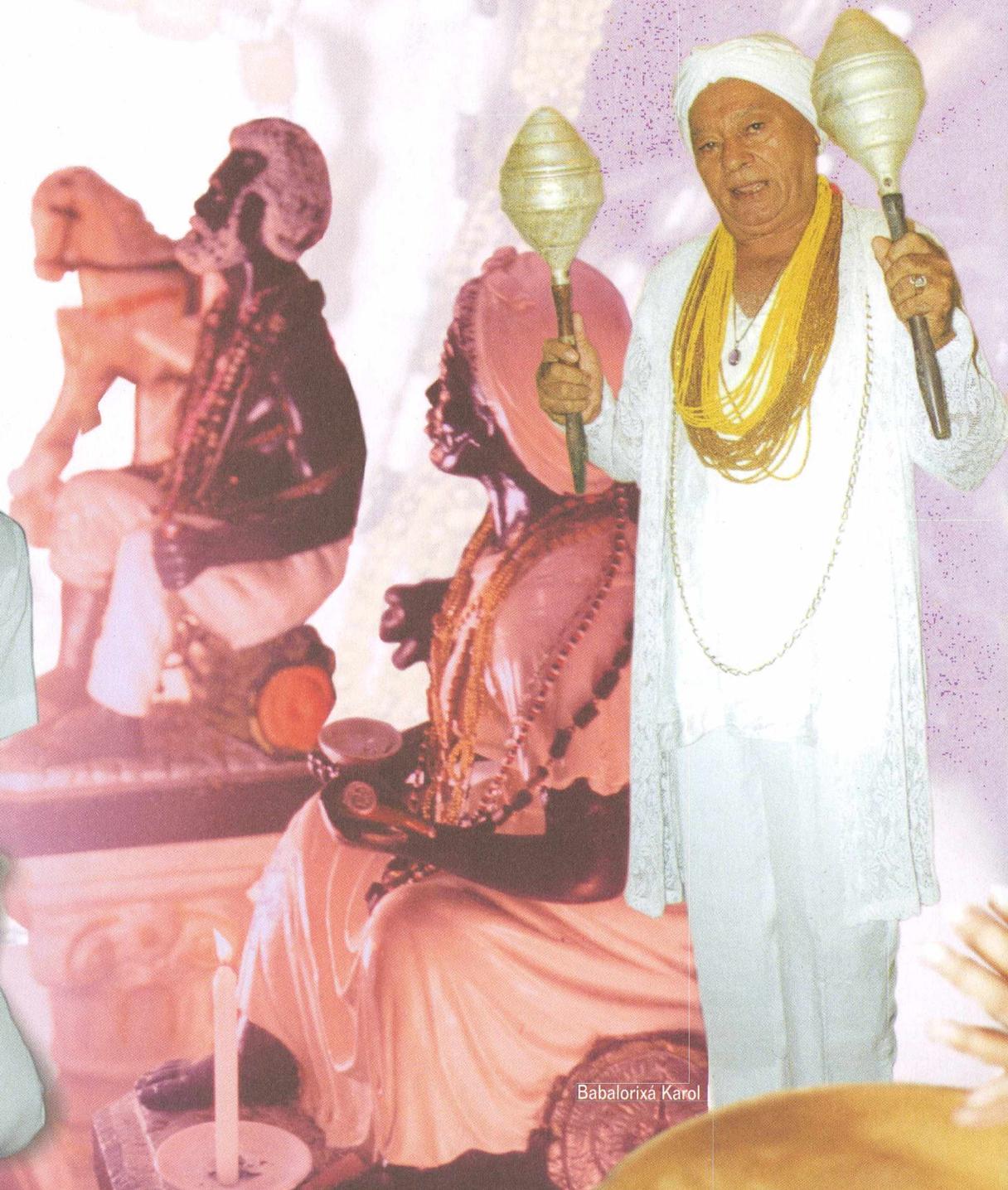
MÚSICA DE ENCANTARIA

Luiz Assunção
A música é um dos elementos trazidos pelos negros africanos e difundido na cultura afro-brasileira, notadamente no universo religioso.

(Cont.)



Filho de santo - Louvação a orixá
(Centro Pai Joaquim d'Angola)



Babalorixá Karol

Pegi de Preto Velho (Centro Pai Joaquim d'Angola)



Cantando na gira (Centro Reinado de Iemanjá)

Entre as principais culturas africanas vindas para o Brasil desde o século XVI, destacaram-se dois grupos: os sudaneses e os bantos. Os sudaneses, originários da África Ocidental, são os iorubás ou nagôs, os jejes, os fanti-achantis e as nações islamizadas. O destino dessa população foi a região açucareira da Bahia e Pernambuco. Os bantos, oriundos das regiões localizadas no atual Congo, Angola e Moçambique, são denominados de angolas, caçanjes e bengalas, entre outros. Os historiadores calculam que tenha vindo do grupo banto o maior número de escravos, espalhando-se por quase todo o litoral e interior do país. São eles que vão exercer maior influência sobre a cultura brasileira, deixando marcas na música, na língua, na culinária, na religiosidade. Ao longo do processo da colonização brasileira, essas tradições étnicas foram sendo transformadas e a religiosidade africana combatida, perseguida,

estigmatizada, porém a crença em deuses que incorporam em seus filhos foi mantida como sua principal característica. É no universo mágico-religioso e simbólico da umbanda onde vamos encontrar a síntese dessa herança cultural, formada por divindades sudanesas, entidades espirituais banto, encantados da pajelança indígena, do catimbó nordestino, do kardecismo e do catolicismo popular, formando na concepção de Bastide, um verdadeiro "encontro de deuses". Encantados é o nome genérico dado às entidades que incorporam nos adeptos durante a realização de rituais. São orixás, caboclos, índios, mestres do catimbó. Encantado é o tornado invisível e o encantamento é a ação de colocar alguém sob poderes sobrenaturais. Na umbanda natalense, através da prática ritual da jurema, é difundida a crença na existência de um mundo sobrenatural, dividido em reinos encantados formados por cidades. Este reinado é habitado por espíritos indígenas e de mestres - os encantados, invocados em rituais realizados com a ingestão da bebida jurema e do emprego do fumo, quando, estando o médium em transe,



Cuica baiana

a alma viaja ao reino e ao encontro dos encantados.

*Eu andei o mundo em roda
Percorri todas as cidades
de pena
Agora foi que eu conheci
A ciência da jurema*

Uma dessas sessões em que os encantados são chamados para "trabalhar" se tornou célebre. Foi a de "fechar o corpo" do escritor Mário de Andrade, realizada na casa de Dona Plastina, no morro de Mãe Luiza, em dezembro de 1928 e descrita com detalhes pelo escritor em seu diário de campo. Segundo Cascudo, sem canto não há encanto. Cada mestre do catimbó tem sua linha, cântico que lhe antecede a visita, resumindo a ação sobrenatural e as excelências do poder e a sua especialidade técnica. A linha é o canto entoado pelo mestre da mesa e continuado, através de sua boca, pelo "mestre do além". Dona Jovelina, juremeira de Natal, lembra das sessões de jurema de chão, quando cantava-se muitos pontos acompanhados por batidas de palmas.

*Minha mãe bem que dizia
Que eu não quizesse
aprender
Que a ciência da jurema
Só ficou pra se sofrer*

Ponto riscado, ponto cantado

O ponto riscado é um desenho formado por um conjunto de sinais, feito no chão, com "pemba" (giz), na cor da linha que a entidade pertence e que tem por finalidade chamá-la para o mundo terreno.



Cantando na gira (Centro Pai Joaquim d'Angola)

Quando riscado pelo médium incorporado, identifica a entidade que nele "baixou". Os desenhos, combinações de flechas, traços, cruzes, círculos, signo de Salomão, corações, estrelas, etc., são representações simbólicas que procuram identificar as entidades espirituais que formam o universo religioso. O ponto cantado se refere a letra e melodia de cântico sagrado e ritualístico, em forma de prece evocativa cantada, que tem por finalidade atrair as entidades espirituais, homenageá-las quando "descem" e despedi-las quando devem partir. Cada situação de um determinado ritual exige um ponto cantado específico àquele momento cerimonial, como os pontos da abertura da gira, de louvor, defumação, incorporação, desincorporação. São cantados também pontos para as linhas e para cada entidade particular.



*Abre-te mesa
mesa divinaaaa
Abre-se as cortinas
do meu juremá*

No culto da jurema, dois grupos de encantados se fazem presentes: o índio e o mestre.

Galante

O índio representa o primeiro habitante da terra brasileira, um morto ancestral. É uma imagem de um personagem distante e abstrato, identificado pela idéia de "selvagem e forte". Cria-se, então, um mito do índio livre, corajoso, guerreiro, aquele que preferia a morte à submissão. Quando incorporado nos médiuns são ousados, violentos, soltam gritos, agitam suas flechas. O caboclo remete para a idéia do índio colonizado, envolvido com a sociedade branca, dominante e como o resultado do entrecruzamento de diferentes etnias. São associados às representações da natureza, como ervas, raízes, folhas. O caboclo pertence, então, a um universo de referência muito amplo, que inclui o caboclo flecheiro, o caboclo feiticeiro e as índias Tapuias. A diversidade de tipos de caboclos está também representada nos pontos cantados.



Filha de santo incorporada com orixá Xangô (Centro Pai Joaquim d'Angola)

Existem os caboclos que são identificados pela cor da pena, como Pena Branca, Vermelha, Preta. São provenientes de uma região chamada aruanda e vêm com a finalidade de trabalhar. São, ainda, tidos como "perigosos" e vinculados aos trabalhos para o bem e para o mal.

*Eu tava nas matas
Eu tava trabalhando
Seu Pena Branca
Mandou me chamar*

Existem pontos cantados que procuram identificar a origem dos caboclos, como os cantados para a Cabocla Jurema, considerada filha de Tupinambá.



Cantando na gira (Centro Pai Joaquim d'Angola)

Ou ainda aqueles que fazem referência ao rei dos índios, como o Rei Sultão das Matas. Os mestres são entidades que se manifestam como espíritos de antigos e prestigiados chefes do culto da jurema. Entre as entidades denominadas de mestre e mais conhecidas e cultuadas, encontramos o Mestre Carlos e Seu Zé Pilintra. A primeira tem seus registros no catimbó nordestino, a partir da década de vinte, enquanto que Seu Zé Pilintra passou a ser difundido a partir do encontro da "jurema" com a umbanda.

A entidade espiritual conhecida como Mestre Carlos foi descrita nos estudos realizados por Cascudo, Bastide e Mário de Andrade, entre outros, como um rapaz que gostava de beber e jogar, "farrista", andava no meio de "mulheres-perdidas e gente livre". Filho de Ignácio de Oliveira, conhecido feiticeiro. O pai tinha desgosto e não o queria iniciar na feitiçaria. Contam, então, que Mestre Carlos "aprendeu sem se ensinar",



Caxixi

quando de uma bebedeira caiu num tronco de jurema e morreu após três dias. Essa bebedeira seria o resultado de prática de rituais do catimbó, exercidas solitariamente e sem iniciação. Mestre Carlos é caracterizado como uma entidade alegre, que gosta de brincar e rir durante as sessões; gosta de bebida, bebe jurema, cachaça. Especialista em casamentos e descobridor de segredos, estando sempre pronto para o bem e para o mal. É considerado pelos juremeiros como um mestre curador. Quando incorporado, o médium transforma a fisionomia, fica meio estrábico, os lábios ficam em forma de bico; fala muito, conversa com os presentes, gesticula, brinca, rir, receita garrafadas e dá "passes". A representação iconográfica é feita através de um homem branco, meia idade; a vestimenta é um paletó de cor azul claro. Sua oferendas principais são: incenso, aguardente, vinho, mel de urugu, charuto. Encontramos a presença de Mestre Carlos nos terreiros de umbanda de Natal e em toda a região sertaneja, como uma entidade possuidora de muito prestígio. Os pontos cantados atualmente são uma reelaboração daqueles colhidos por Cascudo e Mário de Andrade, na década de 20, apresentando a mesma estrutura inicial e mantendo-se a idéia de que Mestre Carlos aprendeu a ciência da "jurema" direto dos mestres do além.



Adjás



Tocadores de Iju - instrumento de percussão (Centro Reinado de Iemanjá)



*Amigo dai-me bebida
Eu também sou bebedor
Amigo dai-me fumaça
Eu também sou fumador* } Bis

*Mestre Carlos é um bom
mestre
Que aprendeu sem se
ensinar
Três dias levou caído
No tronco do juremá
E quando ele se levantou
Foi pronto pra trabaiair*

*Pedindo água no alto
No alto eu vejo bem
No alto eu vejo quem
passa
No alto eu vejo quem vem* } Bis



Tocador de Triângulo (Centro Reinado de Iemanjá)

A entidade Seu Zé Pilintra é apresentada por Cascudo como um mestre do catimbó, "alegre, prosista e muito interessado pelas moças, a quem galanteia quando se manifesta". É conhecido como sendo de Pernambuco. (Cont.)

Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Av. Antônio Basílio, 3025, s. 501, Lagoa Nova,
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.
E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
Internet: www.candinhabezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Programação visual
D & S Publicidade

Colaboradores
Texto
Luiz Assunção
Prof. Depto. de Antropologia/UFRN
Registro musical
D'amore tre

Apoios
Tribuna do Norte
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para colecionar o seu Galante, nas principais bancas da cidade, Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão.

Seu Zé Pilintra é considerado como Exu na umbanda carioca. Caracterizado com a figura do malandro, representa a astúcia, o livre trânsito pelas brechas e pelo proibido, o uso de meios não-sancionados pelas normas. Os pontos cantados apresentam Seu Zé Pilintra como aquele que vem do reino da jurema e algumas das suas características principais: bebedor de cana, apaixonado por mulheres e fazedor do bem e do mal. Quando incorporado, apresenta-se vestido com calça e paletó brancos, chapéu na cabeça, fuma cigarro, gosta de conversar e fazer galanteios às mulheres.

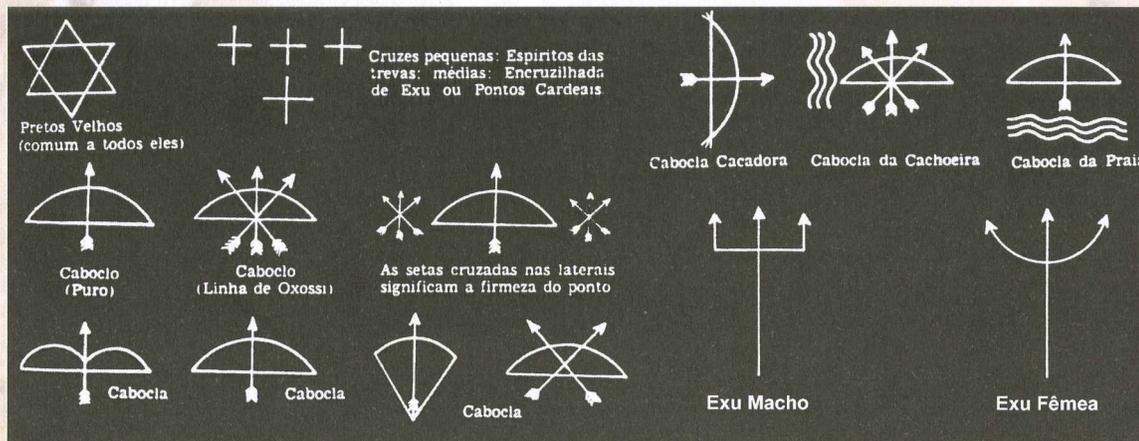


Lá na jurema tem um rei
 Que a roupa era tira só
 Era Seu Zé Pilintra
 Seu Zé Pilintra
 O rei do catimbó

Mais onde é que mora
 Zé Pilintra
 Que chama e você não responde
 Seu Zé Pilintra
 É rei da quimbanda
 Aqui tem demanda
 Pra o senhor levar



Cantando ponto para Mestre
 (Centro Reinado de Iemanjá)



Fonte: Pontos riscados e cantados na umbanda. Ed. Eco.



Lê



Rumpi



Rum

A entidade Seu Zé Pilintra é encarada como um espírito de luz, porém "forte", ideal para os "trabalhos pesados", como aqueles associados aos Exus. Em trechos dos vários pontos cantados para Seu Zé Pilintra, fica evidente sua força e poder no reino dos encantados, que contribui para o seu prestígio enquanto entidade espiritual.

Prenderam suas correntes
 Não foi pra matar ninguém
 Primeiro mal que Zé fez
 Foi amar e querer bem
 Seu Zé Pilintra
 Do Pernambuco
 É neguinho do pé
 derramado
 quem brincar com
 esse nego
 tá doido ou tá danado

A música é uma das formas possíveis de expressar o universo cultural e de representá-lo, dotando de significados a natureza e os personagens que em seus versos são construídos. A música nos cultos afro-brasileiros, com seu caráter coreográfico, é possuidora de um poder mágico, dionisíaco. É elemento de ligação entre os adeptos e de comunicação, um caminho para o homem entrar em contato com a divindade - os encantados.



Cantando ponto para Mestre
 (Centro Reinado de Iemanjá)

